
RESISTÊNCIA À ESPIRAL DA DISTOPIA E DO ÓDIO

Desde a sua primeira edição, em 2003, a *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo* se propôs a ser um veículo de discussão sobre as relações entre a produção cultural – em especial a literária – e os diversos contextos que possibilitam esses diálogos em busca de uma compreensão crítica. O período que marcou o início dessa publicação coincide com uma certa estabilidade política no cenário brasileiro, considerando a aceitação e prevalência da Constituição Cidadã, datada de 1988. Apesar de haver um reconhecimento de que a sociedade brasileira se constituiu e se amparou – situação cada vez mais visível no atual contexto – com base em um autoritarismo e em um modelo conservador que se sustenta na noção de ordem prevalecendo sobre as próprias leis, também estava presente um espaço de crítica estabelecido e um reconhecimento à pluralidade de opiniões, fazendo com que a publicação evidenciasse um olhar atento para que a opressão não se cristalizasse de forma desejada e desejável como alternativa a conflitos políticos e sociais.

As diversas edições que se seguiram nesse significativo espaço de tempo apresentaram análises e reflexões voltadas para a produção literária, artística e cultural em relação com os períodos históricos, suas contradições e idiosincrasias, revelando problemas e situando os leitores em uma perspectiva que pretendia deslocar o olhar dessas análises para as interpretações consistentes realizadas por diversos pesquisadores e pesquisadoras, tanto em âmbito nacional quanto internacional. A produção, portanto, desses trabalhos procurava manter esse espaço produtivo de discussão e problematização, situando as obras a partir do que possibilitavam aos seus leitores acessarem e também ampliar reflexões sobre os problemas sociais e históricos, considerando as condições de produção e recepção de cada época.

Esses artigos, em sua grande parte, utilizavam uma voz argumentativa – mesmo que engajada em razão da escolha das obras, da base teórica para sua abordagem e da crítica presente ao trazer suas temáticas – com uma certa impessoalidade da análise (como todo trabalho científico preza), deixando nas entrelinhas, em dados momentos, e buscando justificativas consistentes para enfatizar questões de cunho ideológico que são incontornáveis, especialmente quando decorrentes da autonomia do pensamento dos nomes que assinam todo esse material publicado.

Na condição de editores e organizadores desta publicação desde seus primeiros números, percebemos uma certa mudança na postura e na indicação dos artigos que publicamos de alguns números anteriores até o atual: trata-se de colocar os autores e autoras no centro dessa discussão, destacando o papel da crítica como partícipe responsável desse processo. O atual cenário que corrobora o clima de tensão entre a democracia e o autoritarismo – que, em vários momentos, até convivem entre negação e invisibilidade dentro da desigualdade social, especialmente a brasileira – tem exigido esse protagonismo da parte de quem escreve, ou seja, que a voz da análise não se ouça somente por meio da interpretação, mas que as escolhas e os temas sejam destacados como parte desse processo pelo qual a sociedade está passando na segunda década do século XXI.

Como Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018, p. 17) argumentam: “É assim que as democracias morrem agora. A ditadura ostensiva – sob a forma de fascismo, comunismo ou domínio militar – desapareceu em grande parte do mundo. Golpes militares e outras tomadas violentas do poder são raros. A maioria dos países realiza eleições regulares. Democracias ainda morrem, mas por meios diferentes. Desde o final da Guerra Fria, a maior parte dos colapsos democráticos não foi causada por generais e soldados, mas pelos próprios governos eleitos”. E essa constatação, por vezes intuitiva, justifica em parte a referência aos textos como argumento crítico. Ao escolhermos determinado tema é possível identificarmos uma latência e uma potência que reorganiza o sentido da resistência na direção da análise literária e da percepção de que algo não está operando dentro do espaço democrático em que o pensamento crítico pode transitar e dialogar em várias esferas.

Uma espiral autoritária se faz presente e há, infelizmente, uma pequena resistência enquanto observamos retrocessos em âmbito local e mundial. O mundo hiperconectado e globalizado não está imune ao trânsito do autoritarismo, se utilizando dos próprios mecanismos da liberdade para corroer as estruturas democráticas, se apropriando das demandas por igualdade para justificar políticas de ódio e segregação. Resistir é cada vez mais necessário, mas começando por resistir exatamente ao que Theodor Adorno definiu como a roda-viva que teima em mirar o peito dos homens, que busca exatamente a contradição para manter a espiral de violência como única lógica possível para a ideia de civilização que foi construída.

Dessa forma, os artigos que integram esta edição foram organizados de acordo com essa discussão que aproxima a escrita do compromisso assumido por parte da crítica, não apenas dialogando com essas produções, mas pensando que a discussão transcende as obras como um “processo de forja da memória de um período [que] torna-se ainda mais complicado quando trabalhamos com o período da ditadura civil-militar brasileira”, como afirma César Alessandro Sagrillo Figueiredo em **AS MARCAS DA RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE TESTEMUNHO EM FERNANDO GABEIRA E ALFREDO SIRKIS**.

A literatura de testemunho também é a escolha do trabalho de Jessica Sabrina de Oliveira Menezes. Em **NOTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA EM K. RELATO DE UMA BUSCA**, Menezes enfatiza que não “é difícil perceber na tessitura do romance, ainda que no plano da similaridade, diversos acontecimentos históricos relacionados à ditadura civil-militar no Brasil”. Podemos observar que os problemas não resolvidos da história recente brasileira com o seu passado autoritário, especialmente no que diz respeito ao período ditatorial, ainda é algo que clama por discussão e que atravessa – incluindo o viés de valorização desse passado – a percepção da construção da cidadania.

Luan Piauhy e Cristiano Augusto da Silva abordam as obras *Inventário de cicatrizes* (1978) e *Camarim de prisioneiro* (1980), de Alex Polari de Alverga, pela perspectiva da literatura de testemunho, o que evidencia essa situação de retomada e de preocupação da crítica com essas questões como também um processo de afirmação e de necessidade de colocar em evidência a história marcada pela subjetividade. **A LÍRICA ENCARCERADA – A POESIA TESTEMUNHAL DE ALEX POLARI** discorre sobre o testemunho que “se constrói como possibilidade de dizer no presente àqueles que não foram permitidos falar no passado.”

Voltando-se ao contexto da Espanha, o artigo intitulado **INTERPRETACIÓN DE LA TEORÍA “LA ESPIRAL DEL SILENCIO” DE NOELLE-NEUMANN EN LA OBRA EL SANATORIO DE NURIA AMAT**, de Wisem Mahi, intenta “mostrar como reagem os calados, a maioria silenciosa contrária ao independentismo catalão face às pessoas que detêm o poder, neste caso os separatistas catalães”, buscando analisar, ainda, o papel que desempenham “os meios de comunicação social na gestão da opinião pública” no país europeu.

Em **MANIFESTAÇÕES DE SUBVERSÃO AO PODER EM LAVOURA ARCAICA, DE RADUAN NASSAR, A PARTIR DOS ESTUDOS DE MICHEL FOUCAULT**, Ananda Maisa Coelho Souza e Andrei Santos de Moraes procuram destacar que a subversão “pode ocorrer no interior dos discursos das personagens, bem como na sexualidade” e que esta “se apresenta como mecanismo de subversão ao poder no romance”. Em diálogo com os estudos do filósofo Michel Foucault, em *História da Sexualidade*, os articulistas concluem que “a subversão é uma extensão do poder, que, por sua vez, caminha ao lado da sexualidade, mantendo um jogo sutil de recusas e autorizações”.

Além da literatura de testemunho, esta edição publica análises a partir de obras que *testemunham o futuro*, ou seja, a perspectiva das distopias e as angústias em relação ao contexto histórico da modernidade, modernidade tardia, pós-modernidade ou, ainda, apenas o nosso momento histórico singular em que afirmamos, juntamente com Fredric Jameson, a necessidade de “combinar a missão proundiana de identificar as tendências utópicas com uma geografia benjaminiana de suas forças, com uma avaliação da sua pressão sobre o que constituem agora múltiplos níveis do mar”. Ao trazer as distopias como elemento central de análises, encontramos situações prementes e urgentes sobre os problemas não resolvidos do presente.

Aislan Camargo Maciera, Luciana Massi e Carlos Sérgio Leonardo Júnior contribuem para este número da revista com o artigo **A FICÇÃO CIENTÍFICA DISTÓPICA DE PRIMO LEVI E O NOVO CORONAVÍRUS: O VÍCIO DE FORMA DA TECNOLOGIA** e discutem, a partir do conto “Proteção” da obra *Vício de forma*, a percepção de ciência de Primo Levi. Os articulistas estabelecem “um paralelo com nosso contexto abordando a tecnologia como cerceamento da liberdade e da verdade e como ampliação que limita a vida humana”.

Em **COMO AS DISTOPIAS NASCEM? LITERATURA DISTÓPICA CONTEMPORÂNEA E A POLÍTICA BRASILEIRA**, Maíra Soalheiro Grade e Antonio Rediver Guizzo propõem “um breve passeio por um pequeno excerto da literatura distópica contemporânea” que inclui obras como *Cadáver Exquisito* (2017) de Agustina Bazterrica, *Nación Vacuna* (2017) de Fernanda Garcia Lao, *The Handmaid’s Tale* (1985) de Margaret Atwood e *Soumission* (2015) de Michel Houellebecq. A partir desse passeio, estabelecem “pontos de contato entre o contexto político atual, em que repetidamente presenciamos a assunção ao poder de candidatos de extrema direita ou extrema esquerda que, semelhantemente, legitimam diferentes formas de violência contra opositores e posicionamentos ideológicos divergentes, no que tange às crises democráticas, ao recrudescimento do capitalismo liberal e à exceção como técnica de governo”.

O artigo de Marina Silveira de Deus e Marcelo Lachat, **A LINGUAGEM COMO (DES) CONTRUÇÃO DO SUJEITO: UMA ANÁLISE SOBRE INTOLERÂNCIA E REPRESENTAÇÃO NOS CONTOS TERÇA-FEIRA GORDA E AQUELES DOIS, DE CAIO FERNANDO**

ABREU, “discute a temática da intolerância e da repressão, no que concerne à sexualidade e à subjetividade”. Com base nos estudos de Michel Foucault (1988, 2010), Judith Butler (2003), Stuart Hall (2006), Sara Salih (2013), Heloísa Buarque de Holanda (1982) e Bruno Souza Leal (2002), o artigo questiona “em que medida a linguagem, enquanto um mecanismo de (des)construção, contribui para a estrutura de repressão sexual e subjetiva, sendo capaz de (des)construir o próprio sujeito”.

Os últimos artigos que integram esta edição discutem temas mais amplos, como o ódio na literatura e também o resgate de um importante texto de Theodor Adorno. Seguindo o título adotado para esta edição, *RESISTÊNCIA À ESPIRAL DA DISTOPIA E DO ÓDIO*, esses textos destacam os problemas alicerçados no ódio e no preconceito como formas de união em torno de ideias e ideologias opressoras e segregadoras. Dionei Mathias em *O ÓDIO E SUAS REVERBERAÇÕES: UM QUESTIONAMENTO PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS* salienta que a literatura “reverbera essas dinâmicas afetivas no plano ficcional, ao engendrar formas de interação na realidade diegética, mas sobretudo também ao oferecer um direcionamento da percepção, incitando o leitor a adotar uma lente de acesso ao mundo ou também desautomatizando seu crivo de apropriação de realidade, de modo a aprender a enxergar de outras formas.”

EDUCAÇÃO PÓS-AUSCHWITZ: IMPLICAÇÕES DE UM TEXTO CLÁSSICO, de José D’Assunção Barros, reveste de atualidade a leitura desse texto clássico de Theodor Adorno, demonstrando a atualidade dessa discussão que, para alguns, parece muito datada, o que não raras vezes é decorrente de uma compreensão limitada e restrita das diversas situações culturais e históricas que atravessam o viés crítico do pensador frankfurtiano. “Educação Pós-Auschwitz é um destes textos que se mostram particularmente atuais de tempos em tempos, pois, ao discorrer sobre problemas relacionados à sua própria época e a seu lugar sociopolítico de produção, também abordam questões recorrentes em outros momentos e espacialidades”, talvez muito do atual contexto em que nos encontramos.

Agradecemos a contribuição inegável dos articulistas para que a revista continue com sua política de publicação voltada para a crítica histórica e sustentada em uma resistência à opressão, e esperamos que possamos voltar a um certo distanciamento desse autoritarismo com uma transformação nas nossas realidades, substituindo a proximidade da distopia por um horizonte de uma utopia realista.

REFERÊNCIAS

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt – Como as democracias morrem. Tradução: Renato Aguiar. São Paulo: Zahar, 2018.

Fredric Jameson – **Modernidade singular**. Tradução: Roberto Franco Valente. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. (p. 250).

João Luis Pereira Ourique
Lizandro Carlos Calegari
Rosani Úrsula Ketzner Umbach (Orgs.)